



O GRAFFITI ENQUANTO PINTURA MURAL VANGUARDISTA: DAS RUAS PARA A ARQUITETURA

CAMARGO, Mariela¹; CAMARGO, Maria Aparecida Santana²

Resumo

O trabalho que segue tem como objetivo principal promover reflexões acerca da importância que a pintura mural, através do *graffiti*, vem desenvolvendo no cenário atual não só do urbanismo, mas também da arquitetura. É notável uma excitação no mercado dessa arte urbana, que vem conquistando cada vez mais espaço enquanto arte nas galerias e museus. O que se percebe são a elitização e valorização do que outrora era considerada apenas uma expressão ilegal das classes menos favorecidas. Cabe-nos ainda, analisar que existe um afastamento entre o *graffiti*-arte e a pichação delinquente, que são posturas diferentes com resultados plásticos diferentes. A constatação é de que o *graffiti* está sendo cada vez mais cobiçado pela indústria da arte, que objetiva conquistar novos admiradores e colecionadores, sendo que a exploração dessa prática tem crescido gradativamente pelas áreas da arquitetura de interiores/exteriores, do *design* de produtos, da publicidade e propaganda e da moda.

Palavras-Chave: Intervenção Urbana. Expressão Artística. Elitização. Linguagem.

Introdução

Todas as grandes metrópoles do mundo exibem as interferências de seus artistas de rua. Equipados com pincéis atômicos e tintas em *spray*, eles pintam uma cultura que salta aos olhos. Há uma demanda mundial de uma arte voltada para as

1 Acadêmica do 7º semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo UNICRUZ. E-mail: mariela.arq@gmail.com

2 Prof. Doutora da UNICRUZ, Pesquisadora líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Humanos e Pedagógicos, Coordenadora do NUCART. E-mail: cidascamargo@gmail.com



grandes massas, desde a Pop Art. No Brasil, um país onde tanta coisa se produz, através da variedade étnica e multicultural, não podia ser diferente.

A arte urbana deu um importante passo ao romper com o elitismo institucional em que a arte contemporânea se localizava. Pela primeira vez uma arte vinda das periferias e realizada empiricamente por classes sociais consideradas inferiores toma o lugar das artes desenvolvidas nos *ateliers*. Hoje, a cena do *graffiti* ultrapassou todas as barreiras do preconceito e do desconhecimento. É cabível, então, nos aprimorarmos e tomarmos partido dessa linguagem parietal que está movimentando o panorama artístico mundial e revolucionando os conceitos estéticos atuais. E a presente pesquisa, de caráter bibliográfico analítico, vem a incidir justamente com essa finalidade.

O *graffiti* reflete a multiculturalidade por meio de seus estilos diversificados, o que combate a eterna intenção da mídia de massificar um estilo conveniente. É impossível dissociar o *graffiti* do princípio da liberdade de expressão. A irreverência dessa *street art* está atrelada a uma filosofia de vida, ligada com o *hip-hop*, enquanto música; e ao *break*, enquanto dança.

Revisão de Literatura

Segundo a História da Arte, uma das primeiras formas de expressão artística foi através da pintura rupestre, cerca de 40.000 anos a.C., onde o homem pré-histórico retratava nas paredes rochosas aspectos de sua vida cotidiana. Então, há de se entender que a gravura rupestre não foi somente a primeira forma de pintura mural, mas também a primeira configuração de *graffiti*. Convém afirmar isso com Parramón (1979, p.11):

Hace miles de años, el hombre primitivo descubrió que las tierras, los jugos de las plantas, los huesos calcinados, los troncos y ramas quemados, al ser mezclados con agua o con grasas de animales, proporcionaban colores diferentes, en cierto modo estables. El hombre sintió entonces el deseo de pintar, (...) y he aquí que usó el más lógico, por no decir el único soporte que tenía más a mano: el muro, las paredes de la cueva donde vivía.

Além do homem pré-histórico, a pintura mural foi observada em todas as civilizações e períodos da História. As primeiras civilizações foram respectivamente



as do Extremo Oriente, Índia, China, Egito e, posteriormente, Grécia e Roma. Mas o apogeu técnico da pintura mural se deu no Renascimento, através do afresco, que constitui numa técnica executada com pigmentos destemperados com água pura sobre uma argamassa ainda fresca. Considerado o “mural nobre” devido à grande exigência de conhecimento dos pigmentos por parte do artista, o afresco é consagrado na História da Arte.

No século XX, os muralistas mexicanos Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros organizaram um manifesto em defesa da necessidade de uma arte pública, que fosse capaz de falar às multidões. “Pintaremos os muros das ruas e as paredes dos edifícios públicos, dos sindicatos, de todos os cantos onde se reúne gente que trabalha”, afirmava Siqueiros, num dos primeiros indícios de que a pintura mural deveria ser popularizada. É o que refere Gitahy (1999, p. 16), *designer*, artista plástico e pesquisador da arte urbana de São Paulo:

Todos esses dados sobre muralismo, junto com a pop art, já apontavam para a origem do graffiti contemporâneo enquanto expressão artística e humana. Essa manifestação, que começa a surgir no Brasil já nos anos 50, com a introdução do spray, passa pelos 60, passa pelos 70 e se consagra como linguagem artística nos anos 80, conquistando seu espaço na mídia.

Existem regras que estipulam a estruturação da pintura mural: a trabalhabilidade, resistência e principalmente os materiais empregados. Seria raro um muralista fazer uso do giz pastel, por exemplo, na confecção de um mural. Os materiais utilizados nas pinturas parietais devem ter boa aderência ao material base, ter durabilidade e resistência às intempéries do tempo, no caso de pinturas externas. Esses são condicionantes para a construção de um painel de qualidade. No entender de Tirello (2001, p. 66):

As regras são: o suporte deve ser contínuo e bem compactado, para que o pincel deslize e preencha os planos da composição com tintas brilhantes ou opacas, a depender da técnica pictórica básica escolhida pelo artista. Todos os cuidados são tomados para que cada estrato da pintura esteja intimamente conectado entre si, garantia de durabilidade e estabilidade dos materiais componentes da obra.

No contexto contemporâneo, o *graffiti* entra como a espécie de pintura mural de mais enfoque. A palavra *graffiti* é o plural de *graffito*, do italiano, cujo significado remete à inscrição e a desenhos de épocas antigas, realizados de maneira grosseira.



Hoje, o termo “*graffiti*” ou até mesmo a forma abreviada e também correta “grafite” é usado para denominar a técnica de pintura utilizada. O *graffiti* é descendente direto do muralismo moderno e da cultura pop, de onde herdou recursos como máscaras, o *stencil* e os *stickers*.

Para alguns estudiosos da área, *graffiti* se relaciona com todas as garatujas que inventamos; os rabiscos, os corações gravados nas árvores, as escritas nas portas dos banheiros públicos, até mesmo os que surgem durante um telefonema. Entretanto, para outros, o *graffiti* é uma expressão exclusivamente artística, onde há uma preocupação estética da parte do grafiteiro, priorizando a imagem, sempre com um apelo social e moral. Ao contrário de pichação, que pode ser considerada uma agressão ao patrimônio público, monocromática, onde não há nenhuma preocupação plástica, utilizando a escrita como fundamento.

Essencialmente, a pichação tinha um caráter exclusivamente político, onde realizava críticas sociais, denúncias e expunha ideologias. No entanto, essa prática foi perdendo esse valor, onde passou a fazer declarações de amor, contar piadas, fazer xingamentos e outros rabiscos sem qualquer intenção intrínseca. Geralmente, o pichador está associado com o chamado *wild style*, um estilo de letras praticamente ilegíveis, utilizado desde o início da história da pichação. Apesar disso, segundo Gitahy (1999, p. 23), “a pichação e o *graffiti* têm sempre algo em comum, carregam em si a transgressão e, por isso, só existem em sociedades razoavelmente abertas – não combinam com ditadura”.

Essa dicotomia *graffiti*-pichação vai muito além das ponderações artísticas. Enquanto a pichação é encarada como ato de vandalismo e poluição visual, o *graffiti* surge como um recurso de conscientização, com todo um papel social, onde representa uma salvação da delinquência juvenil através de um meio tão sublime que é a arte. Há de se complementar isso com Souza (2008, p.10):

Toda a atmosfera construída em torno da arte de rua, como essas oficinas que multiplicam o número de praticantes, o desenvolvimento de novas técnicas, os interesses público e privado relativos ao deslocamento de tais atividades do âmbito da delinquência para o da cultura, do consumo para a produção, e também ao planejamento urbano, revelam a amplitude de efeitos sociais e espaciais relacionados ao fenômeno.



Atualmente, o meio artístico vem sofrendo uma revolução. O *graffiti* veio para democratizar a arte, antes restrita aos museus e coleções particulares. Tais mudanças podem ser observadas em todo o ambiente urbano; em muros, fachadas, bueiros, calçadas. A cidade se transformou na base para livre intervenção dos artistas, que utilizam a técnica de maneira arbitrária e descomprometida, sem qualquer barreira espacial ou ideológica. Consta-se que o *graffiti* vem desenvolvendo esse papel desde meados dos anos 60, porém, só agora, ganhou espaço entre as artes mais conceituadas. Na ótica de Simões (2011, p. 35):

O fato é que a própria força dessa linguagem visual do grafite, nascida principalmente na periferia das grandes cidades, está trazendo as respostas: a arte da rua passou a ser feita em outros suportes, como telas e instalações, e agora é exposta em galerias, museus e feiras especializadas. Arte urbana, *street art*, grafite; ainda não há consenso quanto à melhor terminologia. Mas há uma certeza: a arte urbana está vendendo, e bem.

Na arquitetura, o *graffiti* vem exercendo um papel importante na quebra de paradigmas, na personalização dos ambientes e na descontração dos espaços. O *graffiti* tem ganhado seu espaço como um importante recurso na arquitetura de interiores, integrando espaços e se utilizando das cores e formas para a obtenção de um ambiente único e exclusivo. Essa arte urbana concretizou uma verdadeira ponte da rua ao lar, onde caiu no gosto das elites como sendo um movimento vanguardista.

A exemplo disso; na cidade de Marselha, na França; o Hotel Au Panier Vieux criou o "*Panic Room*", que nada mais é do que um quarto onde uma metade absoluta é branca e a outra metade é inteiramente grafitada, causando um contraste quase perturbador, o que justifica o nome adotado. As pinturas foram realizadas pelo artista Tilt, que inclusive criou as estampas para impressão nos lençóis e cortinas, de maneira que nada escapasse do contexto. O quarto é sucesso absoluto do hotel, que apresenta outros quatro quartos com temáticas diferenciadas, que são anualmente atualizadas por artistas e *designers* conceituados, sendo que os hóspedes desembolsam um preço mais elevado para usufruírem desses ambientes. Na sequência, uma imagem desse exótico espaço vem a ilustrar o descrito aqui.



Quarto "Panic Room", no hotel francês Au Panier Vieux.

Elevado à categoria de arte, o *graffiti* combina com praticamente qualquer ambiente da casa e também é bastante utilizado em ambientes comerciais, escritórios, restaurantes, *pubs* e boates. Da mesma forma que a Pop Art, a técnica do *graffiti* vem tomando seu espaço no mercado, influenciando áreas como o *design*, a publicidade e propaganda, a mídia comunicativa e a moda. Muitos objetos estão recebendo formas e estampas com temáticas geralmente utilizadas pelos grafiteiros.

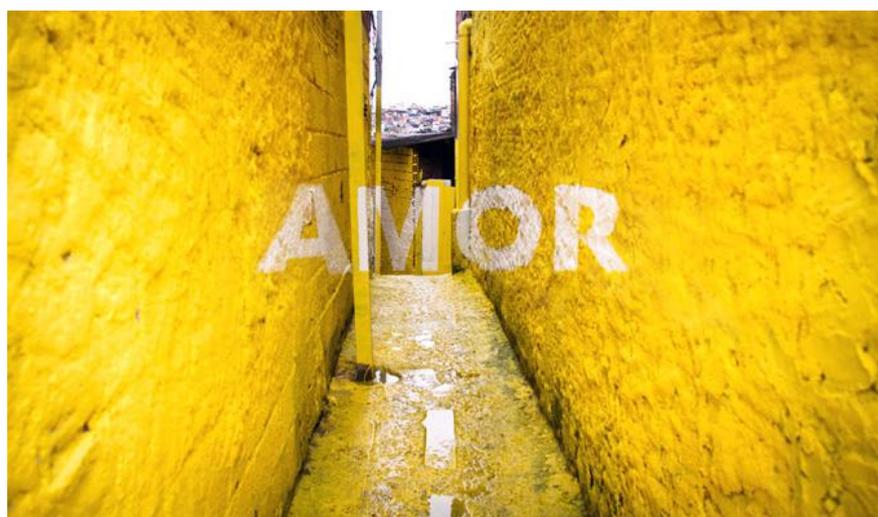
Tanto é o sucesso dessa arte urbana, que galerias e *ateliers* estão se especializando exclusivamente nessa linguagem. É o caso da galeria Choque Cultural, uma das mais apreciadas de São Paulo, que tem como objetivo principal aproximar os jovens das artes plásticas, bem como conquistar novos colecionadores. Nessa galeria, o *graffiti* é temática onipresente em todas as obras, que podem ser adquiridas pelos mais variados valores.

As cidades também estão dando maior notoriedade para seus grafiteiros. No Rio de Janeiro, em 2010, a prefeitura criou o projeto Rio Arte Urbana, bastante atuante, que visa restaurar e fazer a manutenção dos *graffitis* existentes na cidade. O projeto estima que 400 obras devam ser restauradas nos próximos anos, além de promover a execução de novos *graffittis* e esculturas. Um dos principais objetivos do programa é obter uma aproximação da população tanto com a arte, quanto com a



cidade, de maneira que as pessoas desenvolvam um olhar mais agradável do meio urbano em que estão inseridas e tenham anseio pela preservação desse ambiente.

Junto ao *graffiti* e claro, à pintura mural, surgem novas técnicas de arte urbana. A *Trompe-l'oeil*, por exemplo, é um método artístico que cria ilusões de ótica através do estudo da perspectiva e de um ponto de observação. Sua nomenclatura origina de uma expressão francesa, que significa “engana o olho”, já que realmente temos a sensação de que aquela simples pintura em duas dimensões possui altura, largura e profundidade. A técnica é antiga, visto que já era usada pelo Império Romano em murais na cidade de Pompéia, onde imitavam janelas com o intuito de ampliar o ambiente. Atualmente, é utilizada por artistas do mundo todo como uma forma de tornar o ambiente urbano mais atraente.



Trompe-l'oeil na Vila Brasilândia, em São Paulo, do grupo Boa Mistura.

Considerações Finais

Sendo no caos urbano do dia a dia, na visita a um museu ou mesmo impresso na arquitetura de interiores e exteriores, a presença do *graffiti* enriquece qualquer paisagem através de suas linhas, formas, cores e poéticas. Sem essa arte, a cidade permanece cinza, frígida e sem cor. O meio urbano está poluído visualmente por placas, publicidades, fios elétricos, pichações. A arte urbana vem de modo a suavizar esse lado indigesto da malha urbanística.



O que pode-se perceber através da presente pesquisa, é que com o passar dos anos os artistas de rua foram estreitando laços com a arte propriamente dita, buscando novas técnicas e aprimoramento dos traços. E, com isso, foram conquistando paulatinamente a admiração das pessoas e um espaço privilegiado no âmbito artístico. Hoje, o *graffiti* está em alta, dita tendências e quebra conceitos, ou seja, conquistou um lugar importante para continuar a realizar seu principal objetivo: impor críticas políticas e sociais, gritar suas ideologias e chamar a atenção das pessoas aos valores que lhe devem ser importantes. Espera-se que um dia, e não se está muito distante disso, todo centro urbano possa vir a ser uma imensa galeria de arte a céu aberto.

Referências

COELHO, Fernando. **Além dos Outdoors**: A arte presente na cidade. Revista Gazeta de Alagoas. Maceió, fevereiro de 2010.

GITAHY, Celso. **O que é Graffiti**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

SIMÕES, Alessandra. **Arte em Grafite**. Revista Docol Magazine, São Paulo, v. 3, n. 12, p. 34 - 41, dezembro de 2011.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Graffiti, Pichação e Outras Modalidades de Intervenção Urbana**: caminhos e destinos da arte de rua brasileira. Revista Eletrônica Enfoques. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < www.enfoques.ifcs.ufrj.br/pdfs/2008-MAR.pdf >. Acesso em: 17/04/2012.

PARRAMÓN, José M.^a. **Así se Pinta un Mural**. Espanha: Instituto Parramón Ediciones, 1979.

TIRELLO, Regina Andrade. **O Restauro de um Mural Moderno na USP**: o Afresco de Carlos Magano. São Paulo: Editora CPC, 2001.

Grafite: As fases para fazer um graffiti. Editora Escala. São Paulo, 2005.

Revista Rap Brasil: Especial Graffiti. Editora Escala. São Paulo, n. 30, novembro de 2005.

Fonte Fotografias: **Site Zupi**. Disponível em: < www.zupi.com.br >. Acesso em: 18/04/2012.